

**Dossiê: Cruzamentos Ítalo-Luso-Afro-Brasileiros: por uma urgente restituição ética do Humanismo (línguas e literaturas hoje)**

## **Por uma ética pós-utópica: Política e direitos humanos em “O anjo esquerdo da história” (sobre o Massacre de Eldorado dos Carajás) de Haroldo de Campos**

**For a post-utopian ethics: Politics and human rights in “The left angel of history” (about the Massacre of Eldorado dos Carajás) by Haroldo de Campos**

**Por una ética postutópica: Política y derechos humanos en “El ángel de izquierda de la historia” (sobre la Masacre de Eldorado dos Carajás) de Haroldo de Campos**



**Diana Junkes Bueno Martha**

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil

dijunkes@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo trazer reflexões sobre as articulações entre poesia, política e direitos humanos na obra de Haroldo de Campos, a partir da discussão do conceito de pós-utopia e do poema escrito em abril de 1996, após o Massacre de Eldorado dos Carajás, em que a Polícia Militar assassinou 21 trabalhadores sem-terra com suas próprias ferramentas e a tiros. A proposta de discussão ora apresentada aponta que a pós-utopia pode operar de na articulação entre a política da poesia e a poesia política, vínculo tão necessário para assegurar que as relações entre ética e estética se imponham, a cada dia.

**Palavras-chave:** Haroldo de Campos; pós-utopia; memória; poesia; ética.

**Abstract:** This article aims to bring reflections on the articulations between poetry, politics and human rights in the work of Haroldo de Campos, based on the discussion of the concept of post-utopia and the poem written in April 1996, after the Eldorado dos Carajás Massacre, in which the Military Police murdered 21 landless workers with their own tools and by gunfire. The discussion proposal presented here points out that post-utopia can operate in the articulation between the politics of poetry and political poetry, a link that is so necessary to ensure that the relations between ethics and aesthetics are imposed, every day.

**Keywords:** Haroldo de Campos; post-utopia; memory; poetry; ethics.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo traer reflexiones sobre las articulaciones entre poesía, política y derechos humanos en la obra de Haroldo de Campos, a partir de la discusión del concepto de postutopía y el poema escrito en abril de 1996, después de la Masacre de Eldorado dos Carajás. La discusión aquí propuesta señala que la postutopía puede operar desde donde la articulación entre política de la poesía y poesía política parece tan necesaria para lograr que la relación entre ética y estética se imponga cada día.

**Palabras clave:** Haroldo de Campos; post-utopía; memoria; poesía; ética.

Submetido em: 30 de agosto de 2023

Aceito em: 16 de janeiro de 2024

Publicado em: 15 de novembro de 2024

## 1 Poesia e assombro

A poesia política de Haroldo de Campos é mais esparsa do que aquela que trata de outras temáticas, porém é fundamental para a construção de seu projeto, sobretudo a partir de meados dos anos 1970, quando a reflexão sobre os limites da vanguarda dá lugar, aos poucos, à construção das reflexões sobre a pós-utopia, que surgem depois da publicação de *Os filhos do barro* de Octavio Paz, em 1974, e vão ganhando forma até a publicação do ensaio sobre o poema pós-utópico em 1984 (Campos, 1997). Diz Campos em entrevista a Rodolfo Mata:

Houve um momento, então, em que percebi - estávamos nos anos 70 - que mundialmente e no Brasil havia uma crise das certezas ideológicas. Octavio Paz também observaria isso. Paz faria uma crítica ao futuro, afirmando que, em nome exatamente de um futuro idealizado, as necessidades do presente acabaram sendo esquecidas, e, em nome de “paraísos” totalitários, acabaram sendo negadas as tentativas de realização do “aqui e agora”. [...] *A utopia perde um pouco dessa ideia visionária de ficar projetando para o futuro aquilo que não pode realizar no presente*, mas mantém sua dimensão crítica (Campos, 1996).

O conceito de poema pós-utópico, tal qual apresentado por Haroldo em “Poesia e modernidade. Da morte do verso à constelação: o poema pós-utópico” é fortemente marcado pela leitura que ele realiza de Benjamin a quem menciona explicitamente no texto (Campos, 1997, p. 269). Leitura do Benjamin de *As Teses sobre o Conceito de História* (1996a) e de *As passagens* (2018). Willi Bolle, no posfácio às *Passagens*, afirma que Walter Benjamin tem uma proposta *sui generis* de escrever a história, que se afina grandemente com a postura que Haroldo, e vai delineando a construção das propostas da pós-utopia, a saber:

uma escrita fragmentária e inconclusa; não-linear, mas espacial e polifônica; não-didática e desarrumada;

permanentemente revolvida e refusionada - existe uma dupla chave: a concepção antievolucionista da História, por parte de Benjamin, e a ideia de desconstruir a historiografia convencional, no sentido de estimular o leitor a montar, a partir dos estilhaços, uma interpretação da história iluminada por um novo e inédito “agora da cognoscibilidade” (Bolle, 2018, p. 1082).

Esse apontamento torna-se chave metodológica privilegiada para a abordagem da pós-utopia, como dispositivo de leitura da história, ao mesmo tempo que permite o estabelecimento do discurso haroldiano na contemporaneidade, a partir da perspectiva de Giorgio Agamben. A reflexão sobre a contemporaneidade tem ocupado lugar precípuo em *papers* e em demais trabalhos acadêmicos de todas as áreas. Pensar o contemporâneo, como sugere Agamben (2008), exige, pois, em primeiro lugar, uma adesão ao tempo e, secundariamente, uma separação, uma defasagem, um descolamento. Essa dupla relação com a temporalidade viabiliza, segundo o filósofo, a percepção das trevas da contemporaneidade, ou seja, a percepção não da luminosidade do nosso tempo, mas daquilo que, entre sombras, aparece-nos como pista para a compreensão de nós mesmos e do mundo em que estamos.

No contexto da pós-utopia, Haroldo de Campos situa-se ainda mais como poeta contemporâneo na medida em que, conforme propõe Giorgio Agamben (2009), é capaz de olhar criticamente para seu tempo, afastando-se suficientemente do presente, e tendo o olhar fixado nele para ver a sua “obscuridade”, para mirá-lo de um ponto de vista crítico. É interessante observar como esse distanciamento, ainda que formulado em outros termos, remete à postura benjaminiana sobre o papel do “autor como produtor”, perspectiva inclusive da qual Agamben, como se sabe, é devedor. Diz-nos Walter Benjamin:

[...] a tendência política, por mais revolucionária que pareça, está condenada a funcionar de modo contra-revolucionário enquanto o escritor permanecer solidário

com o proletariado somente ao nível de suas convicções, e não na qualidade de produtor (Benjamin, 1996b, p. 126).

Percebe-se, aqui, que o que Agamben chamará de distanciamento atua, em Walter Benjamin como o necessário afastamento do artista para que não perca a dimensão crítica do tempo, e se possa ver nas trevas do tempo a luz. Ao mesmo tempo, esse olhar distanciado, para que seja profícuo refutar alguns preceitos, como a velocidade e a aceleração da vida cotidiana, cuja pressa e urgência impedem a reflexão, deve combater a banalização do potencial da arte, impondo, por isso, uma lentidão – a lentidão a que o olhar crítico se vê obrigado, ao receber, de seu tempo, “um fecho de trevas” (Agamben, 2008, p. 64). É preciso uma pausa, uma dilatação das retinas, para ver melhor o escuro, no escuro. Em outras palavras, a revisão crítica do passado impõe uma espécie de fixação no presente, uma parada, mesmo que, como diria Walter Benjamin, os ventos do progresso nos impulsionem ao futuro (Benjamin, 1996b).

Ao suspender o andamento veloz do tempo, por sua posição crítica em relação ao futuro e sua idealização utópica, a pós-utopia contrapõe-se à lógica dromocrática (Rosa, 2008), que altera a temporalidade da experiência e, com isso, permite sua ressignificação. Trata-se de um tempo de elaboração. Contrapondo-se à experiência esvaziada, Haroldo de Campos reivindica a *duração* da agoridade, pelo enfrentamento da pobreza da experiência, tornando mais autêntico o vivido, tomando de empréstimo o que Cantinho ensina acerca do pensamento de Walter Benjamin “desde a sua duração material ao seu potencial de testemunho histórico” (Cantinho, 2002, p. 120).

Desse modo, a poética pós-utópica faz emergir um dispositivo<sup>1</sup> articulador de uma metodologia de leitura da história<sup>2</sup>,

<sup>1</sup> Para Agamben (2009, p. 51) é preciso profanar os dispositivos existentes para que surjam outros que alcancem as sociedades contemporâneas, que as tornem o lugar de habitar e da subjetivação. Da perspectiva aqui adotada o gesto pós-utópico torna-se dispositivo, ao profanar um modo de leitura da história, estanque e diacrônico e ao pressupor a revisão constelar do passado.

<sup>2</sup> Propõe-se aqui a pós-utopia sob duas perspectivas, tanto como conceito. ou seja, uma poética do agora crítica do paraíso sistemático do futuro, quanto método, um gesto, um dispositivo (no sentido dado ao dispositivo por Agamben (2009) e que estabelece um modo de leitura e abordagem da história. Assim, vive-se uma época de pós-utópica, que enseja uma poesia pós-utópica ao mesmo tempo que pode-se ler a história pós-utopicamente.

a partir do qual as relações entre ética e estética, política da poesia e poesia política parecem fundamentais para a proposição de formas de superação do atual estado de coisas. O poema pós-utópico é um poema que muitas vezes mergulha nas trevas do tempo, justamente pelo alto componente contemporâneo de que se reveste, justamente porque é um testemunho deste mesmo tempo e não faz concessões ao denunciar as mazelas. O sujeito poético aproxima-se aqui do Anjo de Klee, tal qual enunciado por Walter Benjamin (1996a, p. 226) para olhar as ruínas, enquanto suas asas o impulsionam ao futuro.

É assim que o “anjo” do poema de Haroldo de Campos assiste ao Massacre de Eldorado de Carajás. Na seção seguinte, apresenta-se a leitura do poema, em diálogo com outros textos, no intuito de propor uma reflexão sobre a discussão acerca dos direitos humanos que a poesia, nesse caso, poesia pós-utópica, pode engendrar.

## 2 O poema sobre “a pátria parricida”

Em *Ódio à democracia* Jacques Rancière mostra como, ao longo do século XX, a noção de democracia e de Estado Democrático de Direito foi sendo corroída por interesses de grupos específicos, pela deterioração das relações humanas.

no rastro dos exércitos norte-americanos, apesar daqueles idealistas que protestam em nome do direito dos povos de dispor sobre si mesmos [...] A democracia ergue-se, mas a desordem ergue-se com ela: os saqueadores de Bagdá, que se aproveitam da nova liberdade democrática para aumentar seu bem em detrimento da propriedade comum [...]” (Rancière, 2014, p. 15).

O avanço desse quadro, a partir do momento pós-guerra, também trouxe, de modo contundente, a “metáfora do Leviatã” à baila, no sentido de que “são os corpos absolutamente matáveis dos súditos que formam o novo corpo político do Ocidente” diz Agamben em *Homo Sacer* (2010, p. 122). Avança Agamben:

Quando, após as convulsões do sistema geopolítico da Europa que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, o resíduo removido entre nascimento e nação emerge como tal à luz, e o Estado-nação entra em uma crise duradoura, surgem então o fascismo e o nazismo, dois movimentos biopolíticos em sentido próprio, que fazem, portanto, da vida natural o local por excelência da decisão soberana (Agamben, 2010, p. 125).

O que está em disputa é o arbítrio sobre a vida de determinados corpos, que não alcançam, inclusive, o estatuto de cidadãos, a possibilidade de participação na vida pública, como, aliás, mostra Hanna Arendt em *Liberdade para ser livre*. A participação na vida pública requer que os direitos universais mínimos sejam assegurados às pessoas para que passem à esfera da cidadania. Nesse espectro, os negros, os sem-terra, a população LGBTQIA+, os refugiados não são outra coisa senão corpos matáveis pela necrobiopolítica, como a denominou Berenice Bento, sustentada pelo medo. Diz a pesquisadora:

O que garante a eficácia do necrobiopoder? Por que o Estado continua com suas técnicas de fazer morrer e de matar com tanto fôlego e as resistências não são suficientes para fazê-lo parar? Como justificar as detenções indefinidas no Brasil, os autos de resistências, as chacinas, os massacres? Por que a sociedade civil já não deu um basta e passou a exigir o cumprimento da lei? Não encontro melhor resposta do que a utilização do medo, muitas vezes potencializada, transformada em pânico como retórico estruturante do Estado. O medo é um dos elementos centrais que irá sustentar as necrobiopolíticas [...] Quando penso em um policial que olha no olho de outra pessoa, que implora para não morrer e escuta: “prepara-se para morrer, vagabundo”, creio que, ao refletir sobre necrobiopolíticas, estou entrando numa zona de trevas cujo coração não sei onde está. Esse é meu susto: o rosto, o corpo,

a pele, a língua, atributos ditos humanos, não bastam para assegurar o direito à vida (Foucault, 1999; Mbembe, 2011 apud Bento, 2018, p. 15)

As considerações acima ampliam a percepção do que temos atravessado no Brasil há muito tempo e do agravamento que sofremos para esse quadro de violência e matança policial desde o golpe de 2016 e nos anos de Bolsonaro. O poema de Haroldo faz referência a um episódio anterior, em 1990. O fato é que a violência policial é constante no Brasil, tendo se acentuado nos anos posteriores ao Golpe Militar de 1964 e ao longo do período ditatorial, bem como depois da abertura política, entre outras razões porque o necrobiopoder foi assumindo uma face mais perversa, neoliberal, e que conta com a não desmilitarização das polícias, de modo que as práticas de extermínio seguem de modo muito significativo. Esse grave quadro demonstra que os direitos humanos estão sob constante ameaça e, a despeito dos avanços feitos, das pautas da ONU e das lutas e frentes de apoio à garantia desses direitos em todos os países, as políticas de *matabilidade* dos corpos avança incessantemente.

O poema de Haroldo de Campos a seguir tanto escancara o horror e o terror a que são submetidos os trabalhadores sem-terra no Brasil quanto, por trazer à memória o episódio do Massacre de Eldorado dos Carajás, recupera a importância do não arrefecimento da luta contra a desigualdade e a injustiça a favor da vida, e, em especial, a importância da arte para o enfrentamento e ultrapassagem dessas questões.

Aspecto importante a ressaltar que no que concerne especificamente à poesia, a obra de Haroldo de Campos (2014) vale-se do aforismo que os poetas concretos atribuem a Maiakóvski, citado em *Teoria da Poesia Concreta*, segundo o qual “só há arte revolucionária em forma revolucionária”, ideia também defendida por Walter Benjamin no já citado “O autor como produtor”, em que o filósofo estabelece que “[...] a tendência de uma obra literária só pode ser correta do ponto de vista político quando for também



correta do ponto de vista literário” (Benjamin, 1996a, p. 121), sendo esse ponto de vista tomado no sentido de “qualidade literária” e, por conseguinte, como algo que tenha na forma de expressão uma forte ancoragem.

No poema “O anjo Esquerdo da História”, que será abordado a seguir, a forma é também a expressão da indignação com o massacre, e do massacre em si.

### **O anjo esquerdo da história**

DE SEM-TERRA PASSARAM A

Os sem-terra afinal  
estão assentados na  
pleniposse da terra:  
com-terra: ei-los  
enterrados  
desterrados de seu sopro  
aterrados  
terrorizados  
terra que à terra  
torna  
pleniposseiros terra-  
tenentes de uma  
vala (bala) comum:  
pelo avesso afinal  
entranhados no  
lato ventre do  
latifúndio  
que de im-  
produtivo re-  
velou-se assim u-  
bérrimo: gerando pingue  
messe de  
sangue vermelho  
lavradores sem  
lavra ei-  
los: afinal con-  
vertidos em larvas  
em mortuá-  
rios despojos:

ataúdes lavrados  
na escassa madeira  
(matéria)  
atocaiou-os  
mortiassentados  
sitibundos  
decúbito-abatidos pre-  
destinatários de uma  
agra (magra)  
re(dis)(forme) forma  
-fome- a-  
grária: ei-  
los gregária  
comunidade de meeiros

enver-  
gonhada a-  
goniada  
avexada  
-envergoncorroída de  
imo-abrasivo re-  
morso-  
a pátria  
(como ufanar-se da?)  
apátrida  
pranteia os seus des-  
possuídos párias-  
pátria parricida:

que talvez só afinal a  
espada flamejante  
tória cha-  
mejando a contravento e  
afogueando os  
agrossicários sócios desse  
fúnebre sodalício onde a  
morte-marechala comanda uma  
torva milícia de janízaros-ja-  
gunços:  
somente o anjo esquerdo  
contrapelo com sua  
multigrante espada po-  
derá (quem dera!) um dia

convocar do ror  
nebuloso dos dias vin-  
douros o dia  
afinal sobreveniente do  
justo  
ajuste de  
contas  
(Campos, 1996).

O poema foi publicado em 28 de abril de 1996, no Caderno Mais!, da Folha de S. Paulo<sup>3</sup>, poucos dias depois do Massacre de Eldorado dos Carajás.<sup>4</sup> O título, em clara referência a Walter Benjamin, alude ao Anjo de Klee, mencionado acima, na tela de 1920, abordada pelo filósofo alemão em sua 9ª *Tese sobre o Conceito de História* (Benjamin, 1996a, p. 226). Mas o subtítulo, colocado em caixa alta, tal qual publicado no jornal em 1996, sugere uma abertura de sentido: DE SEM-TERRA PASSARAM A.

A interrupção sugere, talvez, que de sem-terra passaram à posse da terra, aspecto que será reiterado, com ironia, nos primeiros versos do poema e que fazem ressoar o trecho de *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, “Funeral de um lavrador”, pois essa posse refere-se à morte dos trabalhadores:

Esta cova em que estás com palmos medida  
É a conta menor que tiraste em vida  
É de bom tamanho nem largo nem fundo  
É a parte que te cabe deste latifúndio

Não é cova grande, é cova medida  
É a terra que querias ver dividida  
É uma cova grande pra teu pouco defunto  
Mas estarás mais ancho que estavas no mundo

É uma cova grande pra teu defunto parco  
Porém mais que no mundo te sentirás largo  
É uma cova grande pra tua carne pouca  
Mas a terra dada, não se abre a boca

<sup>3</sup> Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/28/mais/21.html>. Acesso em: 29 ago. 2023.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://correiodecarajas.com.br/bolsonaro-dara-indulto-a-policiais-do-massacre-de-eldorado-dos-carajas/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

É a conta menor que tiraste em vida  
É a parte que te cabe deste latifúndio  
É a terra que querias ver dividida  
Mas a terra dada, não se abre a boca  
(Melo Neto, 1997, p. 1994; p. 41-42).

Ao poema de João Cabral de Melo Neto, fragmento de *Morte e Vida Severina*, escrito entre 1954-1955, no qual se nota a clara referência tanto à pobreza (“defunto parco”, “carne pouca”, “ficarás mais ancho”) quanto à luta pela posse da terra (“parte que te cabe deste latifúndio”, “terra que querias ver dividida”, “terra dada, não se abre a boca”). A data do poema revela quão antiga e estrutural é a disputa pelo direito ao uso da terra. Depois da abertura, a legislação de Reforma Agrária, a cargo do governo Fernando Henrique Cardoso, trouxe uma série de impasses, sendo frequentes os embates e as mortes ou, melhor dizendo, as execuções.

Proponho seguirmos um caminho de análise por excertos do poema, de modo a que seja possível analisar criticamente as forças em tensão (sociais e políticas) e os expedientes estéticos utilizados em sua composição de modo mais minucioso.

Os sem-terra afinal  
estão assentados na  
pleniposse da terra:  
com-terra: ei-los  
enterrados  
desterrados de seu  
sopro aterrados  
terrorizados terra  
que à terra torna  
(Campos, 1996).

O primeiro verso anuncia a ironia, a crítica ácida e o tom testemunhal que atravessará o poema. As aliterações em /s/ /t/ e /r/ causam o efeito de sentido de desfazimento e quase como onomatopeias simulam o gás lacrimogênio e os tiros. Palavras-montagem como “pleniposse”; “com-terra” e retomada de “terra”

em sem-terra, com-terra, desterrados, aterrados, terrorizados, terra transforma em hipérbole a figurativização da luta pela terra.

No plano estético, o poema que se insere no contexto pós-utópico da obra haroldiana emerge com alto grau de *verbivovisualidade*, reforçando o mais alto compromisso do poeta com a poesia concreta. Assim como, anos atrás, vimos nesse poema de Décio Pignatari, de 1956, contemporâneo do poema de João Cabral, citado acima, período em que os primeiros movimentos campo-cidade se verificavam e a questão da reforma agrária já era tematizada e motivo de violência no campo. As propriedades isomórficas fundo-forma e espaço-tempo, bem como a simulação dos veios do arado na terra, acentuam a criticidade do poema. Assim como a permutação de terra com rara, aterra, erra, ter terra, ara, sucessivamente.

#### Figura 1 – Poema de Décio Pignatari

**ra terra ter  
rat erra ter  
rate rra ter  
rater ra ter  
raterr a ter  
raterra terr  
arattera ter  
rarattera te  
rrarattera t  
errarattera  
terrattera**

Fonte: Pignatari (1956).

Sonoridade também indicada na charge de Carlos Latuff de 2007 (abaixo), cuja violência policial também se percebe nos famosos grafites de Basquiat, em que a violência policial é patente. O trabalho de Basquiat possibilita que a discussão se estenda para além do território brasileiro, isto é, para a questão

de terras, reforçando a perversa atitude dos corpos matáveis, conforme mencionado acima. Foge ao escopo deste artigo um aprofundamento na obra desse artista, mas é fundamental trazer a discussão para uma esfera em que o medo do Estado, o poder de uso da violência pelo Estado e a profunda inequidade que impõe o sistema capitalista, somadas às fragilidades do estado democrático e às ameaças de totalitarismo que regressam ou não partem, afinal, na América Latina são patentes as heranças dos governos militares ditatoriais, bem como na Europa são patentes as ameaças de ideários nazifascistas.

Além de Basquiat, haveria outros artistas para trazermos em diálogo com o poema haroldiano, o que nos dá a perspectiva da crise global a ser enfrentada nesse sentido. Obras distantes no tempo, aproximam-se na temática, na crítica. Basta pontuar que 40 anos separam os poemas de João Cabral e Décio Pignatari do poema de Haroldo.

### Figura 2 e 3 – Imagens do Necrobiopoder



Fonte: Carlos Latuff (2007).



Fonte: Jean-Michel Basquiat (1983).

Desse modo, o poema de Pignatari, a charge e a tela de Basquiat compõem um percurso histórico com o excerto do poema de Haroldo de Campos, destacando-se um cenário que reivindica a denúncia e aprofunda a indignação.

É importante sublinhar que em todas essas manifestações a preocupação formal, o caráter estético das obras tem fundamental papel para a potencialização da crítica empreendida e, conseqüentemente, para a apreensão ética pelo leitor/espectador.

É justamente pela seara da estesia que a perspectiva ética é acessada neste caso. Em outras palavras, o par ética-estética não se separa e se retroalimenta. Quanto mais enfático o trabalho estético, os procedimentos e expedientes, maior é o alcance ético da obra, porque a sua recepção é viabilizada pela inventividade, pela criação e pelo questionamento das verdades estabelecidas que se apresenta.

plenipossesores terra-  
tenentes de uma  
vala (bala) comum:  
pelo avesso afinal  
entranhados no  
lato ventre do  
latifúndio que de  
improdutivo re-  
velou-se assim u-  
bérrimo: gerando pingue  
messe de  
sangue vermelho  
lavradores sem  
lavra ei-  
los: afinal con-  
vertidos em larvas  
em mortuá-  
rios despojos:  
(Campos, 1996).

Nesse outro fragmento do poema, a ironia e a crítica ampliam-se ainda mais. Seja porque os corpos agora são mostrados “tomando posse” no lato-ventre do latifúndio, aspecto acentuado pela aglutinação dos significantes em “plenipossesores”, mortos não pela ave bala cabralina, mas soterrados na “vala (bala) comum”. Tomam posse da terra improdutiva à ubérrima, fértil terra que espalha a messe de sangue. Se no trecho anterior a sonoridade tanto fazia referência à terra quanto à matança, aqui é em torno

da lateral // e da reiteração do verbo lavar e sua “corruptela” em larva que a sonoridade tornará escancarada a injustiça: bala, lato, latifúndio, lavradores, lavras, larvas. Ao final do excerto, os lavradores sem lavra são convertidos em larvas. Talvez a imagem a seguir contemple melhor do que a análise a dimensão da tragédia:

Figura 4 – *Sem-terra assassinados*



Fonte: ConfraCUT (2012).

ataúdes lavrados  
na escassa madeira  
(matéria)  
atocaiou-os  
mortiassentados  
sitibundos  
decúbito-abatidos pre-  
destinatários de uma  
agra (magra)  
re(dis)(forme) forma  
-fome- a-  
grária: ei-  
los gregária  
comunidade de meeiros  
(Campos, 1996).

Assim como nos excertos anteriormente destacados, a sonoridade é performática. Ainda não havíamos apontado o forte impacto da quebra abrupta dos versos que aqui traz efeitos de sentido muito expressivos, como dos corpos tombando,



“decúbito-abatidos pre-/destinatários”, ou ainda, mais abaixo o corte é hiperbolizado pelo uso dos parênteses “agra(magra)/re(dis)(forme) forma/ -fome- a-/grária: ei-/los gregária/comunidade de meeiros”.

Os parênteses remetem ainda às valas em que foram depositados os corpos e as palavras ou prefixo ali colocados (matéoria, magra, dis, forme) são um “retrato escrito” dos corpos. O poema usa “atocaiou-os”, porque o cerco pelo qual passaram os sem-terra configurou-se como uma tocaia, da qual não puderam escapar, como se lê abaixo na reportagem do *Brasil de Fato*, de 17 de abril de 2020, e nas imagens do dia 18 de abril de 1996 dos jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*. Os jornais da época foram expressivos em noticiar o extermínio.

E nesse ponto cabe estabelecer a diferença entre as manchetes da época e aquelas que, nos dias atuais, ou, pelo menos, entre 2018-2022, ocuparam as primeiras páginas dos jornais. As manchetes atuais são muito mais amenas, não se lerá em *O Globo*, mesmo n’ *O Jornal do Brasil* ou *Folha de São Paulo* a palavra “vergonha” em letras garrafais para tratar da ação da polícia, o que mostra um aspecto bem complexo de cooptação da grande mídia pelo discurso conservador, neoliberal e defensor de um Estado violento.

### Figuras 5 e 6 – O impacto das execuções na grande mídia



Fonte: *Jornal do Brasil* (1996b).

Fonte: *O Globo* (1996).

Na reportagem do “Brasil de Fato”, por ocasião dos 24 anos do massacre, lê-se:

O registro mostra pessoas ensanguentadas correndo em meio ao chão de terra batida, tiros, sangue, desespero. A agressão durou praticamente duas horas. Os trabalhadores foram cercados. De um lado policiais do quartel de Parauapebas, do outros policiais do batalhão de Marabá. Dos 19 mortos, oito foram assassinados com seus próprios instrumentos de trabalho: foices e facões, os outros 11 foram alvejados com 37 tiros, uma média de quatro tiros para cada pessoa. Outras 79 pessoas ficaram feridas. Duas delas faleceram no hospital. A polícia matou camponeses com tiros na nuca, na testa – em claro sinal de execução. Um teve a cabeça esmagada. (Barbosa, 2020).

Abaixo, duas imagens que se aproximam e demonstram a força do monumento das *Castanheiras* em homenagem aos sem-terra assassinados. A obra, feita de castanheiras secas, encena belamente os braços erguidos dos trabalhadores. Antes dela, havia um monumento feito por Oscar Niemeyer, que foi destruído e depois reapresentado em Brasília na Praça dos Três Poderes como se vê na sequência.

### Figuras 7 e 8 – Os braços erguidos na memória, na luta



Fonte: Rede Brasil Atual (2012)<sup>5</sup>.

5 Registro superior: “As Castanheiras de Eldorado dos Carajás”, obra coletiva realizada com a coordenação de Dan Baron, 1999. Castanheiras secas formam monumento para lembrar os trabalhadores mortos em Eldorado dos Carajás, no Pará (Foto: ©Moacyr Lopes Júnior/Folhapress). Imagem disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/ha-16-anos-sem-terras-eram-massacrados-em-eldorado-dos-carajas/>. Acesso em: 29 ago. 2023.



Fonte: MST (2021)<sup>6</sup>

A imagem de *As Castanheiras* traz um contraste interessante entre a ideia do monumento da cultura como elemento da barbárie, numa perspectiva de Benjamin (1986), e a morte/ túmulo, pelo fato de o monumento ser feito de “natureza morta”. Desse modo, da barbárie à ligação com a terra, *As Castanheiras* são os braços dos trabalhadores em luta, erguidos com os instrumentos de trabalho em punho, foices, enxadas, ancinhos, o que a imagem de Sebastião Salgado faz-nos ver melhor quando as comparamos. Entretanto, se de um lado na fotografia os rostos e as bocas abertas trazem fortemente a ideia do som das vozes, entre as árvores secas que homenageiam os sem-terra assassinados só é possível supor o silêncio; silêncio este que se espalha, na foto de *As Castanheiras* nas sombras das árvores estendidas pelo chão, como se corpos dispostos, ou corpos que se integram aos “braços” erguidos com os instrumentos de trabalho aos quais o tronco das árvores remete.

Sobre essa natureza que se mistura à memória, diz-nos Didi-Hubermann em *Cascas*, ensaio em que trata de uma visita a Auschwitz-Birkenau, em 2011:

[...] A destruição dos seres não significa que eles foram para outro lugar. Eles estão aqui, decerto: aqui, nas flores dos campos, aqui, na seiva das bétulas, aqui, neste

<sup>6</sup> Registro inferior: arquivo de imagens do MST, Sebastião Salgado. Imagem disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/eldorado-dos-carajas-25-anos-do-massacre/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

pequeno lago onde repousam as cinzas de milhares de mortos. [...] Aqui temos de compreender que caminhamos sobre o maior cemitério do mundo [...] de maneira que os responsáveis pelo sítio se viram obrigados a aterrál-lo para cobrir essa superfície que ainda recebe solicitações do fundo, que ainda vive do grande trabalho da morte (Didi-Huberman, 2017, p. 63).

A dramaticidade da experiência de Didi-Huberman é distinta daquela que as *Castanheiras* apresentam, mas, assim como no campo de concentração, as mortes permanecem na terra, nas folhas mortas, no vento. Se de um lado os monumentos são as “pedras que gritam”, para antecipar aqui o poema de Pedro Terra destacado logo a seguir; de outro lado, o silêncio da paisagem é o silêncio dos corpos, suas cascas. O trabalho da memória é fundamental neste ponto. É por meio da rememoração que as catástrofes podem ser revividas e, nesse sentido, podem ser abordadas em chave ética (Seligmann-Silva, 2018), como testemunhos, ou indo além, no caso específico do monumento das *Castanheiras*, como testemunhas e memória do trauma (Costa, 2018).

### Figuras 9 e 10 – Monumento aos sem-terra



Fonte: Página do MST (2014)



Fonte: Jornal do Brasil (1996a)

Na parte anterior do monumento, lê-se um trecho do poema de Pedro Terra. O texto ganha envergadura por trazer antes dele,

como se parte do poema, os nomes dos trabalhadores assassinados, convertendo-o numa espécie de epitáfio. Na sequência dos nomes, outros episódios vergonhosos de massacre ocorridos em anos próximos a Carajás são lembrados: Candelária (1993), Carandiru (1992), Columbiara (1995) e Carajás (1996). Nos últimos versos, a incontornável necessidade do grito diante de tantas atrocidades e injustiças é conclamada “se calarmos/as pedras gritarão”.

Testemunhamos para contar a nossos filhos e suas gerações:  
Governava o Brasil em 17 de abril de 1996, dia do massacre,  
o presidente Fernando Henrique Cardoso.  
Era Governador do Pará o Dr. Almir Gabriel,  
que determinou a operação.  
Deu ordem de tiro o Cel. Mário Colares Pantoja  
Foram assassinados na Curva do “S” na PA-150  
os lavradores sem-terra:  
Altamiro Ricardo da Silva,  
Amâncio Rodrigues dos Santos,  
Abilio Alves Rabelo,  
Antônio da Costa Dias,  
Antônio Alves da Cruz,  
Antônio Iran do Nascimento,  
Joaquim Perreira Veras,  
José Alves da Silva,  
José Ribamar Alves de Souza,  
Lourival da Costa Santana,  
Leonardo Batista de Almeida,  
Manoel Gomes de Souza,  
Raimundo Lopes Pereira,  
Robson Vitor Sobrinho,  
Graciano Olímpio de Souza,  
Oziel Alves Pereira,  
Valdemir Pereira da Silva,  
João Rodrigues Araújo,  
João Carneiro da Silva.

“Candelária,  
Carandiru,  
Corumbiara,  
Eldorado dos Carajás.  
A pedagogia dos aços  
golpeia no corpo

essa atroz geografia.  
Se calarmos,  
as pedras gritarão...  
(Tierra, 2014)<sup>7</sup>.

Na íntegra, eis o poema de Tierra, “A pedagogia dos aços”, publicado em dias após o massacre, que mereceria uma leitura aqui, não fossem os limites deste artigo. Ainda assim, cumpre destacar a precisão do título, o caráter de coro que o poema reivindica na rememoração de tantos massacres, bem como o destaque aos homens excluídos da nação, da vida, da palavra, soterrados sem nome, em silêncio, na lama. É contundente a estrofe em que, por gradação, estes homens excluídos vão se apequenando diante da violência e das forças exclusoras. Por outro lado, sua causa os torna imensos e dignos – à dignidade roubada pelo sistema, esses homens respondem com a potente dignidade da luta, com os brados, se não deles, das pedras que testemunham sua batalha:

### A pedagogia dos aços

Candelária,  
Carandiru,  
Corumbiara,  
Eldorado dos Carajás...

A pedagogia dos aços  
golpeia no corpo  
essa atroz geografia...

Há cem anos  
Canudos,  
Contestado,  
Caldeirão...

A pedagogia dos aços  
golpeia no corpo  
essa atroz geografia...

<sup>7</sup> TIERRA, Pedro. “Nossa homenagem aos mortos de Carajás”. In: Página do MST. [S. l.], 2014. Disponível em: <https://mst.org.br/2014/04/17/17-de-abril-de-1996-nossa-homenagem-aos-martires-de-carajas/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

Há uma nação de homens  
excluídos da nação.  
Há uma nação de homens  
excluídos da vida.  
Há uma nação de homens  
calados,  
excluídos de toda palavra.  
Há uma nação de homens  
combatendo depois das cercas.  
Há uma nação de homens  
sem rosto,  
soterrado na lama,  
sem nome,  
soterrados pelo silêncio.

Eles rondam o arame  
das cercas  
alumiados pela fogueira  
dos acampamentos.

Eles rondam o muro das leis  
e ataram no peito  
uma bomba que pulsa:  
o sonho da terra livre.

O sonho vale uma vida?  
Não sei. Mas aprendi  
da escassa vida que gastei:  
a morte não sonha.

A vida vale um sonho?  
A vida vale tão pouco  
do lado de fora da cerca...  
A terra vale um sonho?  
A terra vale infinitas  
reservas de crueldade,  
do lado de dentro da cerca.

Hoje, o silêncio pesa  
como os olhos de uma criança  
depois da fuzilaria.

Candelária,  
Carandiru,  
Corumbiara,  
Eldorado dos Carajás  
não cabem na frágil vasilha das palavras...

Se calarmos,  
as pedras gritarão...

Brasília, 25/04/96

(Tierra, 2014).

A seguir, no penúltimo excerto do poema haroldiano que destacamos, a dura realidade de uma pátria parricida é apontada, entre os cortes, as paronomásias e outros expedientes, como rimas internas e aliteraões que apontam para o desfazimento desta pátria:

enver-  
gonhada a-  
goniada  
avexada  
-envergoncorroída de  
imo-abrasivo re-  
morso-  
a pátria  
(como ufanar-se da?)  
apátrida  
pranteia os seus des-  
possuídos párias-  
pátria parricida:

(Campos, 1996).

A ironia traz à tona, de um lado, o impacto das notícias, o pseudo remorso (“avexada”, “envergoncorroída”), aspectos que se perdem tanto sonoramente como, de fato, com a omissão, a impunidade e a naturalização dos processos de extermínio. A aliteração em /r/ retoma o som dos fuzis e das armas em “imo-abrasivo-re”, “envergoncorroída”, “parricida”, mas também nos encontros consonantais em que o r se coloca: “pátria”, “pranteia”, “abrasivo”, “apátrida”; som que se desdobra em párias. A reiteração



de /pa/ é bastante interessante, pois tanto sugere uma espécie de choro, *lalação* de criança, quanto o som de pancadas, das pás no solo fazendo sepulturas, cavando.

A perturbação sintática parece acentuar-se em relação aos excertos do poema haroldiano anteriormente destacados, uma vez que fica mais aguda a sensação de assombro e de impunidade pela desordem frástica. Impunidade esta que se expande de modo contundente, para fora do poema em manchetes, como esta do *Correio de Carajás*: “Bolsonaro dará indulto a policiais do massacre de Eldorado dos Carajás”, de 2 de setembro de 2019. (*Correio de Carajás*, 2019). A pergunta do sujeito poético precisa ser repetida: “como ufanar-se da?”.

Em contraponto a esta manchete, o site em questão espelha, junto com a matéria sobre o indulto, a primeira página do *Correio de Carajás*, de 25 de abril de 1996, 8 dias depois do massacre. Destacam-se a imagem e a palavra chacina, como se vê a seguir. A tensão causada entre a foto da primeira página da época e a manchete sobre o perdão aos assassinos conduz o leitor à compreensão da impunidade.

Figura 11 - Reportagem



Fonte: *Correio dos Carajás* (2019).

Nota-se a triste e amarga atualidade do poema de Haroldo. Para Campos, a poesia pós-utópica é a poesia possível como uma utopia concreta, conforme ressaltou-se no início do artigo. Ela afirma-se, na obra do poeta, como uma possibilidade de crítica ao futuro como devir paradisíaco, como marco para onde converge o princípio-esperança. Ao contrário, a poesia pós-utópica, vale-se do princípio-realidade, em sentido freudiano, instância que emerge em tempos de necessidade e escassez.

O princípio-realidade engendra uma poética que não se furta a olhar as ruínas e pensar formas de combatê-las no presente. Por isso, a poética da agoridade é essencial ao conceito de pós-utopia, porque engajada em seu próprio tempo, consegue, nos termos de Agamben (2008), distanciar-se de seu tempo para ver nele a obscuridade que lhe é própria.

Estamos aqui no âmbito da construção do poema, da articulação entre sua ética e sua estética, do entrecruzamento da poesia política que trata do Massacre de Eldorado dos Carajás, e da política da poesia, fortemente comprometida com os expedientes criativos, de construção da linguagem, que experimenta, inclusive, os limites da invenção em termos de forma, espacialidade poemática, jogos sonoros e plásticos. Sem deixar esses aspectos de lado, sem abrir mão da imagem da “pátria parricida”, gostaria de avançar para propor uma reflexão sobre as possibilidades de a pós-utopia ser um dispositivo de leitura do contemporâneo, da história do agora que, a partir da reunião de várias referências ao estilo *haroldiano*, estabelece uma forma de ler que não se sustenta pela distopia, e tampouco pela ingênua defesa da utopia nos dias atuais, mas em um entrelugar em que a esperança, como gesto crítico, está na ordem da ação e da palavra, não no inalcançável horizonte movente típico das utopias, mas no elemento que, posto como chave de leitura, faz uma espécie de ponto de estofo, amarra a deriva da dor, da denúncia, da indignação no ponto em que tendo em mente o combate, abre-se também para propor a mudança da ordem estabelecida, o “justo ajuste de contas”.

### 3 Poema: “o justo ajuste de contas”

No último fragmento do poema de Haroldo sob análise neste artigo, a pós-utopia se afirma não como princípio-esperança, mas como *esperança por princípio*, lâmparina que precisa ser mantida acesa, dispositivo de leitura anti-distópico. Esse movimento ocorre em outros poemas de Haroldo de Campos, no mesmo movimento, ou seja, na apresentação das ruínas, como se o anjo as visse, e uma perspectiva de lidar com elas que não chega a ser utópica e elevada, mas que arrisca uma esperança por princípio. É o caso de “a musa não se medusa”, publicado em *Entremilênios* (Campos, 2009). E de “Ode explícita à poesia no dia de São Lukács”, publicado em *A Educação dos cinco sentidos* (Campos, 2013).

que talvez só afinal a  
espada flamejante  
tória cha-  
mejando a contravento e  
afogueando os  
agrossicários sócios desse  
fúnebre sodalício onde a  
morte-marechala comanda uma  
torva milícia de janízaros-ja-  
gunços:  
somente o anjo esquerdo  
contrapelo com sua  
multigirante espada po-  
derá (quem dera!) um dia  
convocar do ror  
nebuloso dos dias vin-  
dourous o dia  
afinal sobreveniente do  
justo  
ajuste de  
contas  
(Campos, 1996).

No fragmento, o barroquismo do léxico exacerba. Este é um ponto que perpassa todo o poema e até aqui ainda não havia sido enfatizado. O barroco atende a um pressuposto formal de

resistência, de arte da contraconquista, como explicitou Lezama Lima em “A expressão Americana”:

Visto pelo revés, pela sua apetência diabólico-simbólica, o barroco opera uma contra-catequese que perfila a política subterrânea e a experiência conflitiva e dolorosa dos mestiços transculturadores do colôniato (Lima, 1988).

Por meio da linguagem obliterada, das metáforas exacerbadas, de construções como “morte marechala”, “janízaros jagunços”, “multigirante espada”, os signos proliferam também na sofisticação do léxico, como em sicário (sanguinário, assassino pago) e aprofundam a crítica pela via da linguagem. Mas Haroldo traz no final do poema a ideia de redenção da catástrofe pelo Anjo da História, que com sua espada chamejante será capaz de vingança e do ajuste de contas, justamente porque escova a história a contrapelo (Benjamin, 1996b, p. 226). É preciso lembrar aqui com Rancière que “é no terreno estético que prossegue uma batalha ontem centrada em promessas de emancipação e nas ilusões e desilusões da história”, o testemunho, prossegue o autor, e a ficção, obedecem a um mesmo regime de sentido (Rancière, 2018, p. 57).

A voz que emana da poesia é também voz coletiva. É vez da ética pela voz da estética. A dimensão crítica dos direitos humanos na poesia ainda está por ser mais explorada, mas o caráter humanizador do texto poético, por ser o espaço onde, *jakobsonianamente*, a palavra é experimentada como palavra, e aponta para uma dimensão da experiência que talvez só a poesia seja capaz de apreender, aí está a força política do poema *haroldiano*. Poemas como *O anjo esquerdo da história* convocam os leitores à ação, não necessariamente a ação por meio de uma luta armada, mas porque desarma ao mesmo passo que denuncia, a ação poética e a poesia em ação fundam novos mundos possíveis, reparam e dissolvem o ressentimento. É ela mesma, a poesia, o justo ajuste de contas.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Tradução: Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo. Tradução: Vinícius Honesko. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2008. p. 57-73.

BARBOSA, Catarina. Massacre de Eldorado dos Carajás completa 24 anos: Um dia para não esquecer. *Brasil de fato*, Belém, 2020. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/04/17/massacre-de-eldorado-do-carajas-completa-24-anos-um-dia-para-nao-esquecer>. Acesso em: 24 ago. 2023.

BASQUIAT, Jean-Michel. *Defacement*. (The Death of Michael Stewart). Nova Iorque: WCMA, 1983. Pintura, acrílico sobre madeira, 63. 5 x 77.5 cm. Coleção de Nina Clemente. Disponível em: <https://artmuseum.williams.edu/news-item/basquiats-defacement-the-death-of-michael-stewart-becomes-the-centerpiece-of-conversations-about-black-lives-matter-at-the-williams-college-museum-of-art/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: obras escolhidas*. 10. ed. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996a. p. 120-136.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: obras escolhidas*. 10. ed. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1996b. p. 222-235.

BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin: Documentos de Cultura, Documentos de Barbárie (Escritos Escolhidos)*. Seleção e apresentação: Willi Bolle. Tradução de Vários Autores. São Paulo: Cultrix, 1986. 201p.

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, ano 26, e185305, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8653413>. Acesso em: 3 mar. 2024.

BOLLE, Willi. Posfácio às Passagens. In: BENJAMIN, Walter; BOLLE, Willi (org.). *Passagens*. Organização: Willi Bolle. Tradução: Irene Aron; Cleonice Paes Barreto. Belo Horizonte: EDUFMG, 2018. p. 1707-1746.

CAMPOS, Haroldo de. *A educação dos cinco sentidos*. São Paulo: Iluminuras, 2013.

CAMPOS, Haroldo de. Da morte do verso à constelação: o poema pós-utópico. In: CAMPOS, Haroldo de. *O arco-íris branco*. Rio de Janeiro: IMAGO, 1997. p. 243-270.

CAMPOS, Haroldo de. *Entremilênios*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CAMPOS, Haroldo de. O anjo esquerdo da história. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 abr. 1996. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/4/28/mais/21.html>. Acesso: 30 ago. 2023.

CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos 1950-1960*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

CAMPOS, Haroldo de; CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio. *Teoria da poesia concreta: textos críticos e manifestos*. Cotia: Ateliê Editorial, 2014.

CANTINHO, Maria João. *O anjo melancólico: ensaio sobre o conceito de alegoria na obra de Walter Benjamin*. Coimbra: Angelus Novus, 2002.

CONTRAF CUT. MST lembra nesta terça 16 anos do massacre de Eldorado dos Carajás. *Contraf CUT*, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://contrafcut.com.br/noticias/mst-lembra-nesta-terca-16-anos-do-massacre-em-eldorado-dos-carajas-5ced/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

CORREIO DE CARAJÁS. Bolsonaro dará indulto a policiais do massacre de Eldorado dos Carajás. *Correio de Carajás*, Marabá, 2019. Disponível

em: <https://correiodecarajas.com.br/bolsonaro-dara-indulto-a-policiais-do-massacre-de-eldorado-dos-carajas/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

COSTA, Gil Vieira. Fabricar a memória da violência: imagens do massacre de Eldorado dos Carajás na Arte Contemporânea. *Arteriais*. Belém, v. 4, n. 7, p. 164-181, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/7056/5497>. Acesso em: 27 ago. 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas*. Tradução: André Telles. São Paulo: Editora 34, 2017.

JORNAL DO BRASIL. Registro do Monumento Eldorado Memória, Oscar Niemeyer. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 105, n. 1, 09 de agosto 1996a, p. 9.

JORNAL DO BRASIL. Vergonha: sem terra são executados a sangue frio no Pará. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 105, 18 de abril 1996b, p. 1.

LATUFF, Carlos. Eldorado dos Carajas Massacre. *DEVIANT art*. [S. l.], 2007. Disponível em: <https://www.deviantart.com/latuff2/art/Eldorado-dos-Carajas-massacre-53449633>. Acesso em: 4 mar. 2024.

LIMA, Lezama. *A expressão americana*. Notas e tradução: Irlemar Chiampi. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MST. Eldorado dos Carajás: 25 anos do Massacre. *Outras Mídias*, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/eldorado-dos-carajas-25-anos-do-massacre/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

O GLOBO. Legistas comprovam que sem-terra foram executados (Capa). *O GLOBO*. Rio de Janeiro, 1996.

PIGNATARI, Decio. Poema Terra. *Blog Poesia Concreta*. [S. l.], 1956. Disponível em: <https://poesiaconcreta.com.br/poema/terra.html>. Acesso em: 20. ago. 2023.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível*. Tradução: Monica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2018.

RANCIÈRE, Jacques. *O ódio à democracia*. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2014.

REDE BRASIL ATUAL. Há 16 anos sem-terras eram massacrados em Eldorado dos Carajás. *Rede Brasil Atual*, São Paulo, 16 abr. 2012. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/ha-16-anos-sem-terras-eram-massacrados-em-eldorado-dos-carajas/>. Acesso em: 27 ago. 2023.

ROSA, Hartmut. Social acceleration: ethical and political consequences of a desynchronized high speed society. In: ROSA, Hartmut; SCHEUERMANN, William (org.). *High Speed Society*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2008. p. 77-112.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O testemunho como chave ética, com Márcio Seligmann-Silva. [S. l.: s.n.], 2018. 1 vídeo (48 min). Publicado pelo canal Café Filosófico. Financiado pela Fundação Padre Anchieta. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=08RKcZ5qfx8>. Acesso em: 13 jul. 2023.

TIERRA, Pedro. Nossa homenagem aos mortos de Carajás. *Página do MST*. [S. l.], 2014. Disponível em: <https://mst.org.br/2014/04/17/17-de-abril-de-1996-nossa-homenagem-aos-martires-de-carajas/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

## Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.